

**CAPÍTULO SEIS**  
**O NARRADOR HERDEIRO EM *ANGÚSTIA*,**  
**DE GRACILIANO RAMOS**

---

MARILENA FERREIRA AMORIM CAETANO  
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura  
Universidade Católica de Brasília  
E-mail: marilenaamorim@gmail.com

DOI 10.56372/desleiturav12i12.186

**Resumo:** Considerando que, segundo o dicionarista Caldas Aulete, olhar algo com atenção ou entregar-se a profundas reflexões em algo, é contemplação, coloca-se neste momento ante a obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, para uma atenção contínua a este objeto que oferece vários níveis possíveis de compreensão. Graciliano é um exemplar crítico da realidade do sertão nordestino e considerado por grande parte da crítica como o melhor romancista moderno brasileiro. Autor que levou ao limite o clima de tensão nas relações entre o homem e os meios social e natural, com excelência, no gênero romance, pôde transfigurar todas as nuances do olhar atento do artista. Assim, em breves linhas será feita uma reflexão acerca do papel do narrador herdeiro, Luís da Silva, um personagem oprimido e moldado pelo meio em que vive, a cidade. Para isso foram abordadas, em maior parte, algumas considerações relativas ao gênero romance associadas à obra *Angústia*, tais como a história, teoria e crítica do romance em Lukács, o romance e o pensamento crítico de Ángel Rama e o romance e o pensamento crítico de Antonio Candido.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos. Narrador herdeiro. *Angústia*. Romance.

**Abstract:** Considering that, according to lexicographer Caldas Aulete, looking at something attentively or engaging in deep reflection on something is contemplation, we now turn to Graciliano Ramos's work "Angústia" for continued attention to this object, which offers several possible levels of understanding. Graciliano is a critical example of the reality of the Northeastern backlands and considered by many critics to be the best modern Brazilian novelist. An author who pushed the climate of tension in the relationship between man and the social and natural environments to its limit, with excellence in the novel genre, he was able to transfigure every nuance of the artist's attentive gaze. Thus, in brief, we will reflect on the role of the narrator-heir, Luís da Silva, an oppressed character shaped by the environment in which he lives: the city. To this end, some considerations relating to the novel genre associated with the work *Angústia* were addressed, for the most part, such as the history, theory and criticism of the novel in Lukács, the novel and critical thought of Ángel Rama and the novel and critical thought of Antonio Candido.

**Keywords:** Graciliano Ramos. Narrator-heir. *Angústia*. Romance.

## INTRODUÇÃO

Neste ensaio, propomos uma análise do papel da experiência ficcional no relato do narrador-protagonista — ou narrado-herdeiro — do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos. Busca-se compreender, nessa obra ainda pouco explorada sob essa perspectiva, os possíveis impulsos que levaram Luís da Silva, personagem e narrador, a escrever seu testemunho, apesar de sua declarada desconfiança em relação à escrita.

O projeto literário de Graciliano Ramos caracteriza-se por uma representação crítica e rigorosa da realidade do sertão nordestino e de seus habitantes, com ênfase na miséria, na seca e na luta pela sobrevivência. Por meio de uma linguagem direta, sem sentimentalismo, o autor rompe com os artifícios retóricos da tradição literária anterior e expõe, de forma objetiva, as estruturas sociais e culturais marcadas pela pobreza, pela desigualdade e pela opressão.

Especificamente em *Angústia*, a proposta de Graciliano Ramos é articular introspecção psicológica e crítica social por meio da trajetória do personagem narrador-protagonista Luís da Silva, um funcionário público imerso em frustrações existenciais e num profundo mal-estar diante de si e do mundo. Publicado em 1936, o romance foi escrito em um contexto histórico conturbado, marcado pela ditadura de Getúlio Vargas e pela ascensão dos regimes totalitários na Europa. A própria prisão do autor nesse mesmo ano ecoa na atmosfera densa, opressiva e inquieta da narrativa, contribuindo para a construção de um protagonista cuja angústia individual reflète um mal-estar coletivo.

Em *Ficção e confissão*, Candido (1956, p. 82) vê a obra de Graciliano Ramos como síntese entre “a expressão pessoal e a ficção”. A partir do exame da narrativa *Angústia*, da relação entre narrador e matéria narrada e do tempo na obra, indiscutivelmente observa-se uma constante indistinção entre os elementos reais e os devaneios do protagonista. A justaposição entre presente e passado, realidade e sonho, memória e imaginação confere à ficção

um papel central na vida de Luís da Silva. Dessa forma, procura-se delinear sobre como se construiu esse narrador que mostra indignação diante de uma realidade vivida, usa da arte literária como um refúgio e, mesmo assim, consegue a própria derrocada, ao ponto de cometer um crime bárbaro, pondo todo o esforço a perder. Seria uma tentativa de resposta às perguntas “Qual é o lugar do narrador herdeiro?” e “Como se forma um narrador inútil?”

Receber a obra de arte literária *Angústia* e estar diante dela, com intuito apreciativo, para captar, analisar as relações e construção de sentido, a percepção de “fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; e fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou” (Candido. 2007, p. 35), elementos constitutivos, contexto de produção e transfiguração da realidade através da criação do narrador, de imagens figurativas com as palavras e forma de narrar, tem-se então, nisto, o objetivo deste artigo.

O romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, é uma obra digna de contemplação em alguns aspectos, obviamente, sem querer esgotar todas as possibilidades de percepção que ela proporciona, todas as chaves admissíveis. Para o desenrolar deste trabalho, foram alinhavadas considerações que se apresentarão na seguinte ordem: primeiramente uma sumária biografia do autor; em seguida um resumo da obra e, adiante, passa-se a algumas considerações acerca do gênero romance na visão de alguns teóricos: história, teoria e crítica em Lukács; o romance e o pensamento crítico de Ángel Rama; o romance e o pensamento crítico de Antonio Candido; elementos narrativos com ênfase na construção do narrador – foco narrativo e, por fim, considerações finais suscitadas pela reflexão da obra.

## BIOGRAFIA DO AUTOR

O escritor Graciliano Ramos de Oliveira, conhecido e tratado por Graciliano Ramos, nasceu em Alagoas, 1892, e faleceu no Rio de Janeiro, 1953. Pertencente à chamada Segunda Geração

Modernista, o artista foi o maior dentre os vários talentos revelados pelo ciclo do regionalismo nordestino brasileiro. Percorrendo a leitura de uma obra biográfica de Graciliano, *O velho Graça*, escrita por Dênis de Moraes, encontram-se relatos interessantes sobre sua infância, destacando que seus contemporâneos testemunharam que ele foi, na infância, um garoto solitário, silencioso, aluno aplicado, autor de textos publicados sob pseudônimos em alguns jornais alternativos da época, e com grande gosto pela leitura. Nem assim escapou de uma educação à antiga e de castigos físicos certamente desproporcionais às possíveis “contravenções” que um menino pode cometer. No livro *Infância*, de Graciliano, por exemplo, há diversas passagens em que ele narra a violência de tais corretivos. No trato dado aos filhos pelo protagonista Fabiano, personagens de *Vidas Secas*, também se nota traços de violência. Suas obras, traduzidas em vários idiomas, apresentam uma linguagem direta e correta, sempre num estilo seco, conciso, sem muitas adjetivações, equilibrando profunda investigação dos problemas sociais nordestinos e a análise psicológica de suas personagens, numa prosa intimista que vem combinada com a vertente regionalista. A vivência num lar rígido, num tempo e espaço marcado pelo coronelismo, despertou o olhar crítico de Graciliano Ramos para as injustiças, conforme aponta, sobre sua produção, o crítico Alfredo Bosi:

O realismo de Graciliano Ramos não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos (Bosi, 1996, p. 402).

Graciliano foi comerciante, prestou atividades jornalísticas, exerceu carreira política, chegando a ser preso pela ditadura Vargas, acusado de subversão e submetido a constrangimentos físicos e morais. Após ficar livre da prisão quis pôr em prática o plano que tinha de fazer um romance, contudo as condições financeiras eram

precárias e as contas não podiam esperar. Desse modo, a lembrança remota de um cão sacrificado levou-o a escrever o conto “Baleia”, que foi vendido para dois jornais, um brasileiro e outro argentino. Supreendentemente foi um sucesso e, em seguida, compôs outro, “Fabiano”. De tal maneira, em forma de contos, foram nascendo os capítulos que constituiriam o seu prodigioso romance, *Vidas Secas*. Além de *Angústia* e das duas obras mencionadas anteriormente, o artista também produziu outras bastante conhecidas como *Caetés*, *São Bernardo*, *Histórias de Alexandre*, *Memórias do Cárcere* e *Via-gem*. Porém, como dito nas considerações iniciais, deste ensaio, será dada atenção específica ao romance *Angústia*, numa tentativa de expor sobre a formação do gênero romance timbrado nesta obra, ao menos, de alguns aspectos narrativos, a relação autor e narrador, a transfiguração do contexto histórico e formação de sentido na construção do narrador protagonista e herdeiro.

## RESUMO DA OBRA

*Angústia* é o terceiro romance publicado por Graciliano Ramos, depois de *Caetés* e de *São Bernardo*, e antes de *Vidas secas*. Compõe-se de duzentas e sete páginas na versão em foco, seus capítulos dispõem-se sem títulos e, para facilitar a análise, podem ser enumerados imaginariamente, totalizando trinta e nove.

Logo no início do livro depara-se com um mistério. O narrador e protagonista, Luís da Silva, acaba de se recuperar de uma grave crise que o deixou acamado por 30 dias, tomado por delírios e febre. É essa experiência que ele relata nas páginas seguintes. A vida de Luís muda quando ele inicia um relacionamento com sua vizinha Marina, uma mulher de personalidade marcante, que mais tarde ele passa a ver com desconfiança. O envolvimento, iniciado com encontros casuais, logo se transforma em um compromisso. À medida que o relacionamento avança, Marina se mostra cada vez mais exigente, levando Luís a gastar todas as economias e até se endividar para agradá-la. É nesse contexto que surge o terceiro vértice do triângulo amoroso de *Angústia*.

Julião Tavares, personagem muito referido, é visto por Luís como um homem degenerado e repulsivo, conquista Marina com sua riqueza e ostentação. Embora não tenha origem nobre, sua posição como herdeiro de uma loja de tecidos é suficiente para atrair a jovem, que aos poucos se afasta do narrador e passa a se encontrar com o novo pretendente, sendo cortejada com presentes, jantares e idas ao teatro. À medida que a história avança, a raiva de Luís se intensifica. Endividado e abandonado por Marina, ele mergulha em uma obsessão, passando a segui-la de perto. É assim que descobre que Julião também a deixou, trocando-a por outra mulher.

Luís ouve Marina confessar à mãe uma gravidez de Julião e, dias depois, a vê procurar uma parteira conhecida por realizar abortos. Ao confrontá-la, recebe como resposta um pedido para que a deixe em paz. Furioso, Luís resolve atender à tentação que o atormentava em sonhos que era matar Julião. Com uma corda que ganhou de um andarilho, ele espera o rival sair da casa da nova namorada e o aborda pelas costas, sufocando com a corda. Em seguida, pendura o corpo em uma árvore para simular um suicídio. Esse, afinal, foi o grande acontecimento que perturbou o protagonista e o deixou em estado de delírio.

## O ROMANCE: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA EM LUKÁCS

É pertinente tocar sobre o gênero “romance”, numa perspectiva histórica e teórica associada à construção desse formato textual. O teórico Lukács, no texto *O romance como epopeia burguesa*, muito elucidou acerca da questão. Ele discute a teria do romance e como ela se constituiu. *Angústia* é um romance típico que trata, mesmo que figurativamente, das relações de poder, relações políticas e questões sociais históricas vivenciadas pelo autor e narrador na época.

De modo geral o texto *O romance como epopeia burguesa* apresenta que o romance é um produto da burguesia quando transpõe que

O romance literário é o gênero mais típico da sociedade burguesa. Embora nas literaturas do Oriente antigo, da Antiguidade e da Idade Média existam obras sob muitos aspectos afins ao romance, os traços típicos do romance aparecem somente depois que ele se tornou a forma de expressão da sociedade burguesa. Por outro lado, é no romance que todas as contradições específicas desta sociedade são figuradas do modo mais típico e adequado. Ao contrário das outras formas (por exemplo, o drama), que a literatura burguesa assimila e remodela em função de seus próprios objetivos, as formas narrativas da literatura antiga sofreram no romance modificações tão profundas que, neste caso, pode-se falar de uma forma artística nova (Lukács, 2009, p. 193).

Já no primeiro período do parágrafo supracitado, Lukács sugere indagações acerca do que significa exatamente ser “o gênero mais típico”, pois claramente não diz que é o único ou que é aquele que mais se produz, por exemplo. Ou que a modernidade produz bons ou maus romances, pois “o gênero mais típico da sociedade burguesa” é uma configuração literária que consegue expressar as vicissitudes de tal forma de sociabilidade. Certamente todo o texto gira em torno de uma tentativa de explicar essas questões transpostas no parágrafo inicial, ou seja, o “típico”, porque é típico, o que quer dizer “se tronou a forma de expressão”, o que ele expressa, entre outras que se fizerem associadas.

Ainda em síntese do texto, não se pode deixar de assinalar a questão da centralidade da ação como um ponto muito importante dentro de “O romance como epopeia burguesa” quando Lukács clarifica que o talento inventivo pressupõe profunda e concreta penetração nos problemas sociais. Na descrição dele “A fantasia poética do narrador consiste precisamente em inventar uma história e uma situação nas quais se expresse ativamente esta “essência” do homem, ou seja, o elemento típico do seu ser social.” Com o homem sendo representado realmente na arte, no romance, ele em ação, é possível se aprender muito sobre história da época em que ele está sendo representado e mais, o que se nota em *Angústia*, de Graciliano Ramos, por exemplo.

Outro destaque relevante a ser feito está ligado ao caráter

abstrato das relações sociais e a ação no romance. O teórico assinala que o problema central dessa forma de narração artística é a ação, isto é, o fato de que as contradições de classe funcionam como fundamento do romance dificultam a solução do romance porque é muito abstrato. Outro problema marcado no texto é que o romance também representa a vida privada. Assim, pensar no romance enquanto representativo de conflitos de classe, mas por outro ponto, como representação da vida privada resulta em um desafio expresso pelo teórico. Em resumo, nas palavras de Raphael Borgato, “Para Lukács, a força do romance moderno não está na busca de um estado médio de conciliação da dicotomia entre sociedade e indivíduo, mas na representação das contradições da sociedade burguesa (Borgato, 2018, p. 61).

É nítido que Lukács teoriza bem e bastante a respeito de o romance ser um produto da sociedade burguesa do ponto de vista marxista, porém, com mais investigação, deve haver outras possibilidades de resposta, de construção para a formulação da teoria do romance; não que os princípios teorizados por ele sejam descartáveis, pois é de uma logicidade e convencimento surpreendentes, quase impossível de se refutar.

## O ROMANCE E O PENSAMENTO CRÍTICO DE ÁNGEL RAMA

Em *Angústia* muito se revela sobre verdades de um sujeito que vive em padecimento por consequência dos tempos de opressão política. Dessa maneira vale destacar sobre o que diz o crítico Ángel Rama, no ensaio *Dez Problemas para o Romancista Latino-Americano*, concernente às formas de se dizer a verdade em momentos politicamente opressivos. O autor logo declara ser o título uma paráfrase, “parafraseia um decálogo que Bertolt Brecht escrevera para explicar de quantas formas se podia dizer a verdade em tempos de opressão”. Ángel Rama focaliza um panorama da criação artística como algo que carrega algumas condições vindas de outrora, outras geradas por problemas culturais do momento e outras que apontam para o futuro imediato. Segundo ele, a escolha pelo “romance” dentro do vasto campo da

criação literária em vez de outro gênero não significa que ele é o único que enfrenta problemas.

Em síntese, ao longo do texto, Rama explana, um a um, os dez problemas mencionados no título. Em Graciliano Ramos apresenta todos eles e Angústia também concretiza, apresenta muito bem todos eles. Então Rama começa pela consideração do plano econômico de fundamentação da atividade do romancista, alegando ninguém viver do próprio trabalho criador. O segundo problema discorre detalhadamente a relação do romancista com sua inserção em uma elite cultural. Em terceira ordem, dispõe sobre o criador de romances e seu público leitor, pequeno, letrado e elitizado. Seguidamente, em quinto lugar há a questão da fragmentação política da América Latina por obra dos imperialismos, das oligarquias locais e das falsas estruturas administrativas da época colonial. Relevantemente, trata-se como sexto problema sobre uma concepção “primária” da criação literária, segundo a qual ela é o produto, o escrito, de uma série de observações ou devaneios que tem um homem. O sétimo diz respeito ao esforço de um romancista para não permanecer na vida interior, mas encontrar o modo pelo qual suas tendências animam e consolidam formas objetivas, ou seja, o romance como um gênero objetivo. Indagar acerca de qual filosofia corresponde à criação estética, ou saber se um romance deve ter uma filosofia que o apoie é o foco principal do oitavo problema apresentado. Em nona colocação Rama apresenta o problema do romance ser um gênero burguês, afirmando ser a prosa para desenvolver fabulações, reais ou fictícias uma criação que segue o mesmo processo da burguesia. Finalmente, em décimo lugar, um problema é tratado pelo autor como uma espécie de enigma, o maior talvez, segundo ele e que parece invalidar todos os outros descritos anteriormente. É exatamente a curiosidade de saber sobre o dom criador, porque um homem escolhe ser escritor, usar das letras para ser romancista ao invés de poeta ou ensaísta.

Como se nota, muitas são as questões abordadas por Rama como problemas para o romancista. Muitos pontos talvez nunca tenham sido pensados, observados ou teorizados com tanta logicidade por outros teóricos e estudiosos. É um texto razoavelmente curto, e simples de se compreender. É evidente que, para Rama, “a América Latina possui uma origem colonizada em distintas dimensões, recebendo “estruturas ideológicas” com as quais teve e tem que lidar, pois é parte inarredável de si mesma” (Magnelli, 2022, p. 421) e a criação de romances tem estreita e direta relação com isso, trazendo uma reflexão sobre a problemática latino-americanista.

## O ROMANCE E O PENSAMENTO CRÍTICO DE ANTONIO CANDIDO

Antônio Cândido, no seu ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento*, discute a relação entre a literatura e as condições sociais de países subdesenvolvidos. O autor argumenta que a literatura reflete e, ao mesmo tempo, influencia a realidade social, sendo elemento crucial na formação da identidade cultural de um povo. Ele destaca que em contextos de subdesenvolvimento como o Brasil, a literatura enfrenta desafios específicos como a desigualdade de acesso à educação e à produção cultural. No entanto esses obstáculos não diminuem a sua importância, pelo contrário, a literatura se torna uma ferramenta de resistência, de crítica social e de esperança. Cândido reflete ainda sobre como a literatura pode contribuir para superar o subdesenvolvimento ao promover valores tais quais a empatia, a consciência histórica e a valorização da diversidade cultural. As formulações do autor sugerem um convite para que a literatura seja pensada não apenas como arte, mas como uma força transformadora na construção de uma sociedade mais justa e mais equilibrada.

Em *Literatura e Subdesenvolvimento*, o autor discorre ainda sobre a relação entre a literatura e a situação de países em desenvolvimento, especialmente na América Latina, analisando como o contexto social e econômico afeta a produção literária e vice-ver-

sa. Ele busca entender como a literatura, nesse cenário, pode tanto refletir a realidade do subdesenvolvimento quanto contribuir para a formação da identidade nacional e a busca por um desenvolvimento mais amplo, argumentando que a literatura latino-americana, nesse contexto, não pode ser vista apenas como um reflexo da realidade, mas também como um fator de transformação. Ele analisa como a literatura, ao mesmo tempo em que lida com as condições específicas do subdesenvolvimento (como a desigualdade social, a dependência econômica e a influência estrangeira), também pode contribuir para a construção de uma identidade cultural e para a busca de soluções para os problemas enfrentados.

## ELEMENTOS NARRATIVOS E REFLEXÕES DE SENTIDO

Luís da Silva, personagem principal do romance em questão é retratado como herdeiro de uma aristocracia rural arruinada. A obra descreve sua condição como a de um funcionário público que vive em um contexto de declínio da antiga ordem social, enfrentando dificuldades financeiras e buscando ascensão social. Assim, este narrador herdeiro é um reflexo de sua própria condição: um sujeito em conflito com a realidade que o cerca. Ele utiliza a escrita como uma forma de catarse, mas também como uma maneira de expressar sua solidão e impossibilidade de encontrar um relacionamento satisfatório com o outro. A relação entre o narrador e a escritura é um dos pontos centrais do romance, destacando a dificuldade de um encontro autêntico com o outro e a solidão do indivíduo moderno.

O narrador-protagonista transpõe-se como um frustrado, um recalcado. Disso detém-se a prova de que ele foi um narrador herdeiro inútil, respondendo à pergunta das considerações iniciais. Ele se pega em inúmeros monólogos interiores e fluxos de consciência, um desgoverno, construindo um relato alucinado, o que fica mais bem representado nas páginas finais do romance. Cândido, em *Ficção e confissão* aborda sobre a “necessidade de inventar”, fato também muito bem marcado com relação ao per-

sonagem narrador, ele sente a necessidade de inventar, o que acaba por se tornar, também, numa necessidade de depor, tronando tudo muito rente à realidade da vida dele. Ele começa inventando personagens transtornados e acaba por depor, demonstrar as próprias perturbações.

Através da narrativa de Luís, Graciliano Ramos critica a sociedade da década de 1930, com seus valores burgueses, a desigualdade social e a falta de oportunidades. O romance explora a inadaptação de Luís da Silva à cidade moderna, a sua relação com as mulheres, e a sua obsessão com Julião Tavares. A narração em primeira pessoa permite ao leitor mergulhar na mente do protagonista, acompanhando seus pensamentos, sentimentos e angústias. A história é contada através de lembranças e reflexões, sem uma estrutura linear, o que contribui para a sensação de desorientação e angústia que permeia a narrativa.

Em *Angústia*, é notável a importância da escolha do foco narrativo sobre elementos estruturais do relato. O uso da primeira pessoa, por vezes, induz o leitor a uma confusão mental, semelhante à vivida pelo personagem, trazendo uma possível identidade entre o autor e o narrador. Para Candido, em *Ficção e confissão*,

Poder-se-ia talvez dizer que Luís é personagem criado com premissas autobiográficas; e *Angústia*, autobiografia potencial, a partir do seu recôndito. Mas no processo criador tais premissas (que cavam funduras insuspeitadas no subconsciente e no consciente) receberam destino próprio e deram resultado novo – o personagem –, no qual só pela análise baseada nos dois livros autobiográficos podemos discernir virtualidades do autor (Candido, 1992, p. 59).

Luís da Silva é escritor habilidoso que não aprofundou seu estudo, mas sempre gostou de ler romances e pode “com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto” e por isso vendia seus escritos para manter o ordenado. Mais especificamente, a aristocracia rural em questão era uma classe social que, no passado, detinha grande poder econômico e político em regiões como Alagoas, onde a história se passa. Com o tempo, essa classe foi per-

dendo sua influência e enfrentando dificuldades, o que se reflete na vida de Luís da Silva. Ele carrega consigo o peso da tradição e do prestígio do passado, mas também a realidade da decadência e das dificuldades do presente. Em resumo, Luís da Silva é um personagem complexo e multifacetado, cuja narrativa em primeira pessoa nos permite adentrar em sua angústia e em sua visão crítica da sociedade, revelando as contradições e os conflitos de um indivíduo inserido em um contexto social e histórico específico.

O enredo é circular. Há uma dificuldade de organização linear, mais delineada e esse desajuste transfigura um mundo desgovernado que tem muito a ver com a transição, com as implicações da passagem do mundo rural para o mundo urbano tanto do personagem quanto do autor Graciliano Ramos.

Quanto ao tempo e espaço, Luís da Silva é um personagem carregado pelo por um passado senhorial, posto em forma de memórias, e presente citadino, pois toda a narrativa ocorre em meio à repartição, um café, nas ruas e na própria residência. Nesse meio acontece também toda a ligação dele com a personagem Marina com quem não obteve êxito na relação, pois tudo foi fadado a posse, ciúmes, e perda, uma total frustração social e amorosa. Nesses mesmos lugares ocorrem, igualmente, a associação de Luís com Julião Tavares, um personagem-caló, no sapato dele, coberto pelo arrivismo, disputa no campo intelectual provinciano, rodeado pelo fascismo de província. Aliás a obra não é sobre o fascismo, mas o fascismo perpassa toda a obra.

A luta de classes, no romance, aparece como o valor que ele dá à literatura, à arte, por exemplo. Nele a luta de classes se manifesta através da profunda desigualdade social e do ressentimento do protagonista, Luís da Silva, em relação à ascensão da burguesia, simbolizada por Julião Tavares. O romance explora o impacto da modernização e da ascensão capitalista na vida de indivíduos deslocados, revelando a frustração e a angústia de quem se sente à margem da sociedade. A luta de classes em “Angústia” não é explicitamente retratada como um conflito aberto, mas sim como uma tensão constante e um sentimento de inferioridade experi-

mentado por Luís. Ele vê em Julião Tavares a personificação do poder do dinheiro e da ascensão social, o que o leva a desenvolver um profundo ressentimento e a questionar os valores burgueses. Luís sente-se inferiorizado e frustrado diante da ascensão de Julião, que parece ter tudo que ele deseja, incluindo Marina, a mulher que ele ama.

Em suma, todo o contexto histórico do momento influenciou na construção do romance. O relato de Luís da Silva corresponde em tempo e espaço ao momento em que Graciliano escreve o romance: Maceió, após o Golpe de 1930. O autor havia finalizado a revisão da última versão manuscrita no dia 3 de março de 1936. Na tarde desse mesmo dia, Graciliano Ramos foi preso pelo exército de Getúlio Vargas, acusado de subversão e associação ao comunismo, permanecendo encarcerado por quase um ano.

Era um período de grandes agitações econômicas e políticas. A Crise de 1929, motivada por alta especulação financeira, quebrou a Bolsa de Nova Iorque e afetou diversos países do mundo capitalista, incluindo o Brasil. Os Estados Unidos compravam cerca de 80% da produção cafeeira brasileira, e, com a grande recessão econômica, o café, principal produto de exportação do Brasil, estagnou. Os preços das sacas despencaram e os fazendeiros viram-se afundados em enormes prejuízos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Basta dispor o primeiro problema explanado por Ángel Rama sobre a consideração do plano econômico de fundamentação da atividade do romancista, quando alega que ninguém viver do próprio trabalho criador. Luís da Silva, personagem de *Angústia* exemplifica por excelência essa formulação. Além da função de escritor, ele desempenha função junto a um jornal de comandos incisivos sobre o que ele deve fazer ou escrever, “Estava tão abandonado neste deserto. . . Só se dirigiam a mim para dar ordens: - Seu Luís, é bom modificar esta informação. Corrija isto, seu Luís.”

(Ramos, 2024, p. 22).

Candido argumenta que a literatura enfrenta desafios específicos como a desigualdade de acesso à educação e à produção cultural, porém esses obstáculos não diminuem a sua importância, pelo contrário, a literatura se torna uma ferramenta de resistência, de crítica social e de esperança. Luís da Silva de Angústia mostra-se esse homem resistente, perturbado por questões sociais nas quais está inserido, demonstra esperança de ascensão pela arte literária, algo que ele valoriza veementemente.

*Angústia* termina com o protagonista indo dormir e se inicia com uma referência ao momento em que ele desperta. No entanto, o final, devido à estrutura circular do romance, retoma o início, que por sua vez remete novamente ao final, estabelecendo um ciclo contínuo. Cria-se, assim, uma troca constante e recíproca entre esses dois extremos, sugerindo uma continuidade entre sono e vigília — e entre todos os elementos simbólicos associados a esses estados. A justaposição desses dois universos atravessa o romance, sustentada pela presença de dois modelos distintos de representação literária. Um deles, de base mimética-naturalista, representa a vigília, ligada ao compromisso com a realidade empírica e com a razão. O outro, voltado à interioridade, simbolizando o sonho, uma realidade de caráter inconsciente.

Luís da Silva encara a experiência ficcional com desconfiança, por não acreditar que ela possa oferecer respostas concretas aos seus conflitos ou transformar efetivamente sua existência. No entanto, ao narrar sua história — dando vazão à imaginação, criando realidades por meio da escrita e talvez vivenciando, por ela, o que não conseguiu viver na realidade — evidencia sua percepção de que a noção convencional de real é limitada. Em *Angústia*, portanto, a realidade empírica e a ficção não se bastam por si mesmas, são incompletas e, ao se justaporem, procuram se complementar.

A fortuna crítica de Graciliano Ramos vai muito além do seu tempo. Ao longo dos anos, se tornou um dos autores essenciais para entender as particularidades do Brasil, principalmente, do povo nordestino. Hoje, as obras escritas pelo “Velho Graça” são

vistas como uma porta de entrada para debates sobre a condição social e humana.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Editora Delta. Rio de Janeiro. 1980.

BORGATO, Raphael. *O romance moderno como epopeia burguesa: o realismo inglês*

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo. Cultrix. 1996.

BUENO, Luís. *Revista Letras*, Curitiba, N. 74, P. 71-85. Editora UFPR. Jan/Abr 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: FAPESP. 2009.

LUKÁCS, G. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRG, 2009.

MAGNELLI, André. Ángel Rama, uma paixão Latino-Americana. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 43, pp. 419-424, maio-agosto 2022.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 2. ed. SP: Ática: 1987.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo. Boitempo Editorial. 2012.

RAMA, Ángel. Dez Problemas para o romancista latino-americano. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp. 2001. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo. Editora Itatiaia. 2024.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo. Ática. 1990.